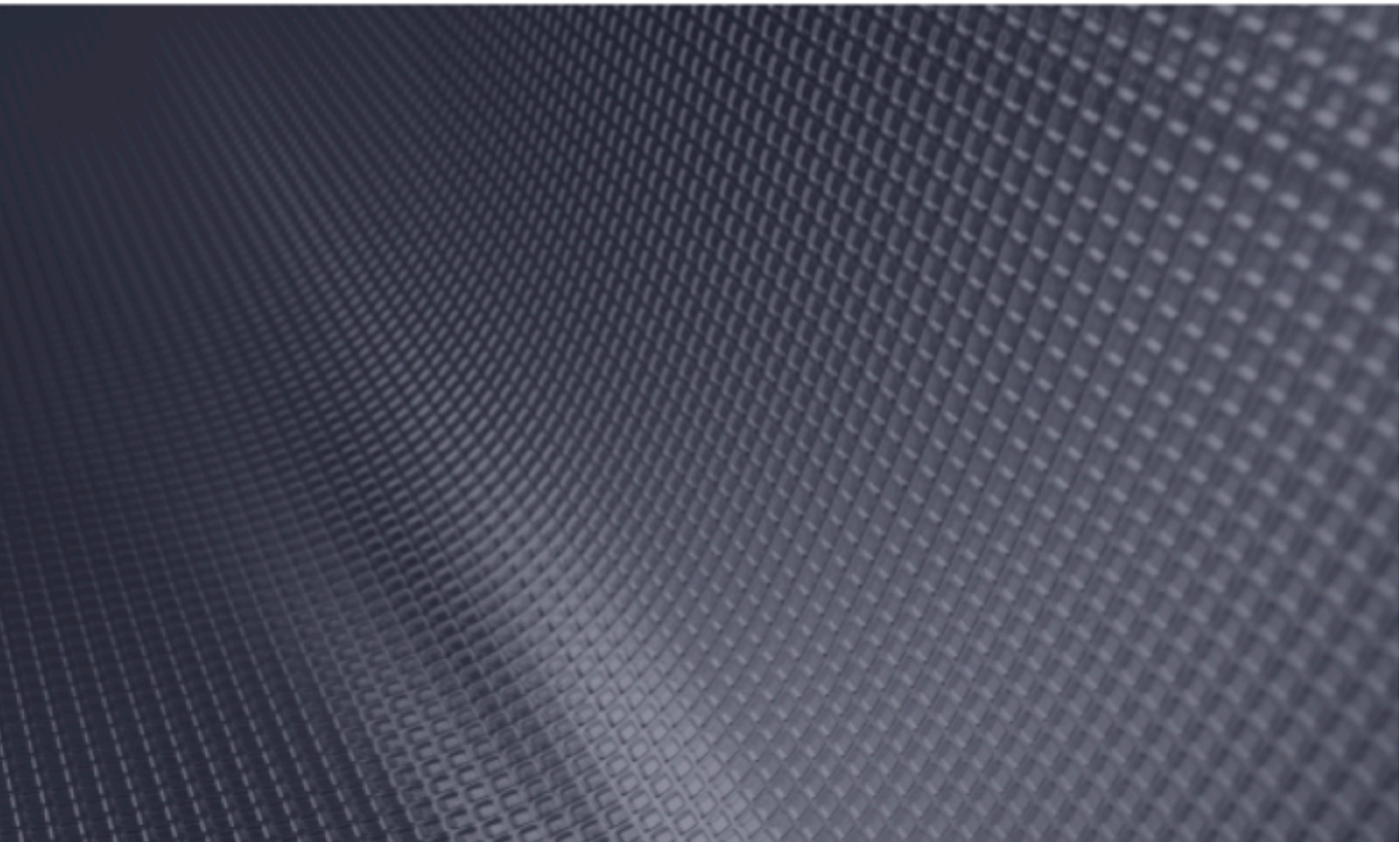


# Em março, a taxa de desemprego aumenta pelo quarto mês consecutivo e o emprego segue uma tendência negativa

análise dos dados mensais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE e do Novo CAGED do Ministério do Trabalho e Emprego.

março de 2025



## Em março, a taxa de desemprego aumenta pelo quarto mês consecutivo e o emprego segue uma tendência negativa.

Os resultados mensais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (PNADC) em março de 2025 (trimestre móvel de janeiro a março), caracterizaram-se por uma queda na ocupação (emprego) de 179 mil pessoas em relação ao mês anterior, o que se traduz numa variação mensal de -0,2%, algo normal para o mercado de trabalho durante o mês de março. Assim, o número de **peças ocupadas** foi de **102,5 milhões**. Desta forma, o nível da ocupação (número de pessoas ocupadas entre a população em idade de trabalhar) teve uma queda de 0,2 p.p. quando comparada com o mês de fevereiro, e foi de 57,8%. Por sua vez, a força de trabalho teve um ligeiro aumento de 63 mil pessoas (0,1%). O aumento do desemprego ocorreu porque o crescimento do número de desocupados (242 mil pessoas) superou a redução da ocupação. Em março, a taxa de desocupação atingiu 7%, apresentando um aumento de 0,2 ponto percentual em relação ao mês anterior e uma queda de 0,9 ponto percentual comparado a março de 2024.

Na comparação anual, o número de ocupados cresceu em 2,28 milhões de profissionais (2,3%). A **força de trabalho** também aumentou em 1,37 milhão de pessoas (1,3%), alcançando **110,2 milhões** de pessoas no mercado de trabalho brasileiro. Isso ocorreu porque o aumento da população ocupada superou, em termos absolutos, a queda da população desocupada.

A queda anual da desocupação foi de 909 mil pessoas (-10,5%). Assim, em março, o número total de **desocupados** (desempregados) foi de **7,7 milhões** de pessoas.

**A queda mensal da ocupação afetou a maioria das categorias, com exceção dos trabalhadores do setor público e os autônomos.**

Em março, 69,3% do total de ocupados no Brasil eram **empregados** (52,9 milhões no setor privado, 12,5 milhões no setor público e 5,7 milhões de trabalhadores domésticos). A categoria de empregados do setor privado teve a maior perda, de 197 mil profissionais em março. Em contrapartida, a categoria dos empregados do setor público teve um aumento de 111 mil pessoas ocupadas. Os **empregadores**, que representam 4,2% do total de ocupados do país, tiveram uma queda de 18 mil profissionais. Do total de ocupados do país, 25,3% trabalham por **conta própria** e esta categoria teve um aumento mensal de 35 mil profissionais. Por fim, a categoria de **trabalhador auxiliar** (1,2% do total de ocupados) teve uma queda de 108 mil pessoas em março.

Para complementar esta análise, foram usados os **dados estatísticos mensais** de emprego formal divulgados pelo Novo CAGED. Desta forma, é possível ter uma visão completa do que aconteceu no mercado de trabalho brasileiro.

Os dados do Novo Caged de março de 2025 mostram sinais contrários aos dados do IBGE e positivos para o mercado de trabalho, com uma criação líquida de emprego (saldo positivo do emprego formal) de 71.576 postos de trabalho em relação ao mês anterior. Apesar de ser um dado positivo, este foi o menor saldo para um mês de março em relação aos anos anteriores e decorreu de 2,23 milhões de admissões e 2,16 milhões de desligamentos. Dessa forma, o estoque total ou volume de empregos formais no mercado de trabalho brasileiro atingiu 47,86 milhões de vínculos celetistas ativos em março de 2025.

Uma análise mais detalhada mostra que o número de **admissões** (com ajuste) foi de 2.234.662, isto é, 368.411 admissões (-14,2%) a menos do que em fevereiro. Por sua vez, o número de **desligamentos** foi de 2.163.086, apresentando uma variação mensal negativa de 2.876 desligamentos (-0,1%). Essas duas variáveis são indicadores diretos da capacidade de geração de emprego formal na economia e apresentaram um comportamento positivo, mas desacelerado para o mercado de trabalho, com a criação de apenas 71.576 postos de trabalho, algo característico do mês de março.

Quase todas as atividades econômicas registraram saldo positivo de empregos, exceto a agricultura, o comércio e o alojamento e alimentação.

A ligeira criação de 71.576 postos de trabalho foi impulsionada principalmente pelo setor dos serviços, que registrou um saldo positivo de 52.459 postos. Dentro desse setor, a educação liderou, com 15.808 novos postos de trabalho, o transporte, armazenagem e correio com 13.179 postos e as atividades da saúde com 11.708 postos em relação ao mês anterior. Em seguida, o setor da construção criou 21.946 postos e o setor industrial 13.131 empregos, com destaque para as indústrias de transformação. Por outro lado, o setor da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura teve uma queda de 5.644 postos de trabalho em março.

Com exceção do Nordeste, todas as regiões do Brasil apresentaram saldo positivo de trabalho formal em março, com o Sudeste liderando os resultados.

Quase todas as regiões contribuíram para a criação de 71.576 empregos formais, embora de forma desigual. O Sudeste liderou com 48.086 empregos gerados, impulsionado principalmente por São Paulo, que registrou 34.864 novos postos. O Sul ficou em segundo lugar, com 24.553 empregos criados. Em seguida, o Centro-Oeste registrou um saldo positivo de 6.962 postos de trabalho e o Norte teve a menor variação, com 5.170 postos de trabalho. O Nordeste foi a única região com perda de emprego formal com 13.199 postos a menos que no mês anterior.

O número de requerentes do seguro-desemprego na modalidade trabalhador formal no país foi de 671.321 pessoas, em março, aumentando mensal e anualmente.

O seguro-desemprego é um benefício oferecido pela Seguridade Social para reduzir o impacto da perda de emprego. Em março, o número de requerentes foi de 671.321 pessoas, sendo 79,4% das solicitações realizadas pela internet (via WEB). Esse total representa um aumento de 14.475 pedidos (2,2%) em relação ao mês anterior e um crescimento de 19.918 solicitações (3,1%) na comparação anual. Já o número total de segurados, ou seja, os trabalhadores que tiveram o benefício aprovado, foi de 582.079 pessoas, resultando em uma taxa de habilitação de 86,8%.

### Análise da Randstad Research: 10 anos sem avanço na qualidade do emprego em relação à informalidade e à subocupação

A situação do mercado de trabalho vai além dos ocupados e desocupados, exigindo a análise de indicadores qualitativos como a taxa de informalidade e a taxa de subocupação. A taxa de informalidade revela a parcela de profissionais sem carteira assinada ou contribuições previdenciárias, expondo uma vulnerabilidade significativa. Já a taxa de subocupação explicita a quantidade de profissionais que, apesar de empregados, gostariam de trabalhar mais horas, indicando uma subutilização da força de trabalho.

Em março de 2025, a taxa de informalidade no Brasil se manteve praticamente inalterada em relação a dez anos atrás, registrando 38%, um valor muito próximo dos 38,3% observados em 2015. Ao longo desse período, a informalidade oscilou, atingindo um pico de 40,9% em julho de 2019 e um mínimo de 36,5% em junho de 2020. Essa persistente estabilidade em níveis tão elevados reforça a constatação de que, em termos qualitativos, o mercado de trabalho brasileiro não apresentou avanços significativos neste sentido.

Por outro lado, a taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas em março de 2025 também se manteve no patamar de 4,4%, repetindo o menor valor registrado nos últimos dez anos, observado inicialmente em 2015 e no início de 2016. O ponto mais alto dessa taxa foi atingido em junho e julho de 2021. Apesar de a taxa de subocupação ter atingido o seu menor nível na última década, o fato de se manter exatamente no mesmo valor de dez anos atrás revela uma paralisação na capacidade do mercado de trabalho de gerar empregos com jornada de trabalho adequada para todos.

Ambas as taxas, permanecendo em níveis semelhantes aos de dez anos atrás, indicam desafios estruturais persistentes que limitam a melhoria da qualidade do emprego e a plena utilização do potencial da força de trabalho brasileira.

Gráfico 1. evolução da taxa de desemprego (taxa de desocupação)

jul 2020 – mar 2025

fonte: elaboração própria com dados do INE

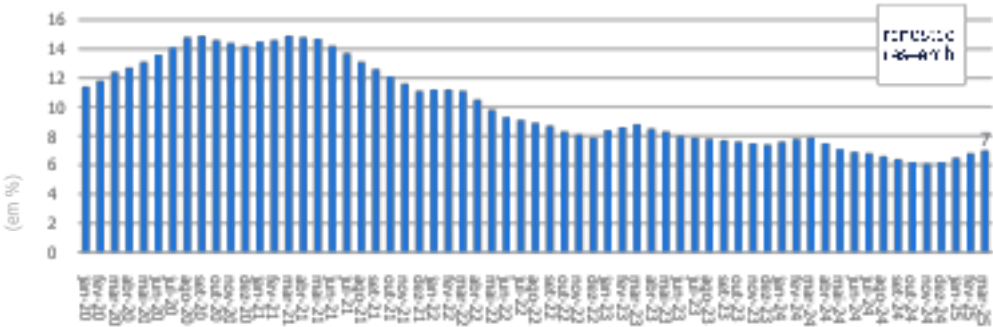
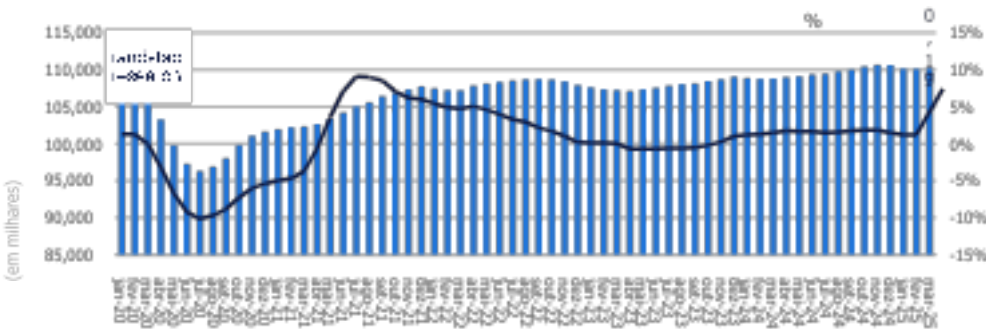


Gráfico 2. evolução da força de trabalho e variação anual em %

fev 2020 – mar 2025

fonte: elaboração própria com dados da PNADC do IBGE



■ força de trabalho — variação anual (%)

Gráfico 3. variação mensal absoluta da ocupação

jul 2020 – mar 2025

fonte: elaboração própria com dados da PNADC do IBGE

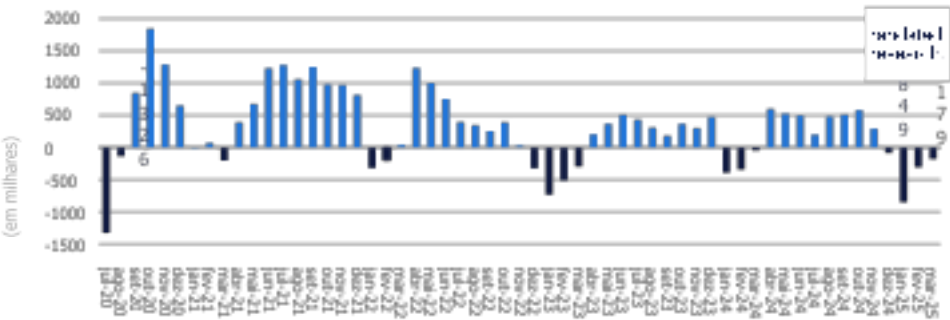




Gráfico 4.  
evolução  
admissões e  
desligamentos

(em milhares)

fev 2020 – mar 2025

fonte: elaboração própria  
com dados do Novo CAGED  
divulgados pelo Ministério do  
Trabalho e Emprego

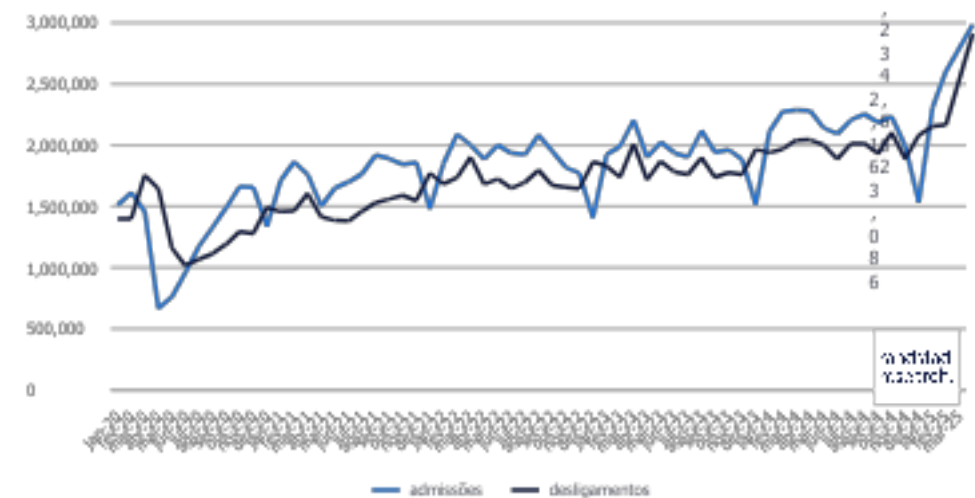


Gráfico 5. saldo  
(admissões –  
desligamentos) de  
emprego formal

meses de março

fonte: elaboração própria com  
dados do Novo CAGED  
divulgados pelo Ministério do  
Trabalho e Emprego

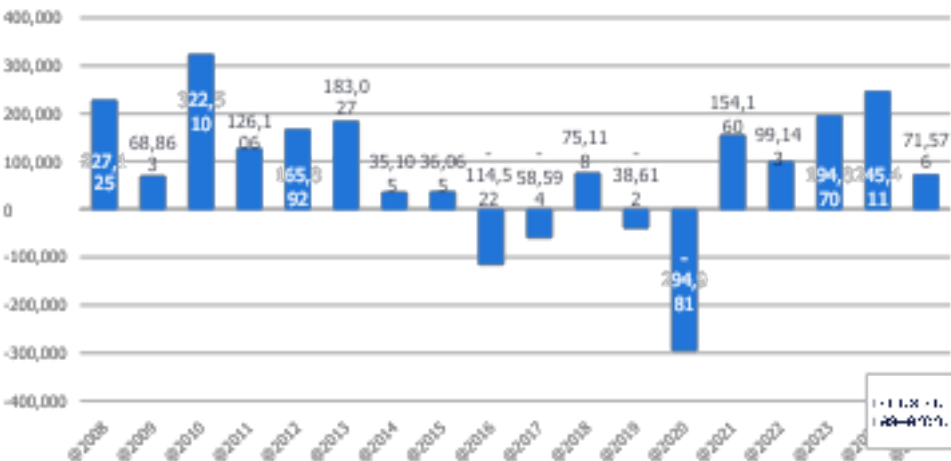


Tabela 1. Principais  
resultados do Novo  
CAGED

março de 2024

fonte: elaboração própria com  
dados do Novo Caged  
divulgados pelo Ministério do  
Trabalho e Emprego

| randstad<br>research. | mar-25     | variação mensal |       | variação anual |      |
|-----------------------|------------|-----------------|-------|----------------|------|
|                       |            | absoluta        | %     | absoluta       | %    |
| estoque               | 47.857.000 | 71.576          | 0,1   | 1.613.752      | 3,5  |
| admissões             | 2.234.662  | -368.411        | -14,2 | -51.261        | -2,2 |
| desligamentos         | 2.163.086  | -2.876          | -0,1  | 122.558        | 6,0  |
| saldos                | 71.576     | -365.535        |       | -173.819       |      |

### Informação de contato da Randstad Brasil

---

Randstad Research:

[researchbr@randstad.com.br](mailto:researchbr@randstad.com.br)

---

### Sobre a Randstad Research Brasil

A Randstad Research Brasil é o centro de estudos e análises do Grupo Randstad no Brasil, que nasceu com a clara missão de enquadrar o estudo do emprego na economia e o seu impacto nas empresas.

Este serviço de estudos de livre acesso serve para colocar à disposição de toda a sociedade informações objetivas e confiáveis sobre o mercado de trabalho e os recursos humanos. A Randstad Research combina o conhecimento da realidade laboral, tanto brasileira como internacional, com rigor científico e metodologias comprovadas.

Mais informações em: <https://www.randstad.br/randstad-research/>